

Dos primórdios da Faculdade de Teologia

B. Weber

Uma das tarefas de vital importância para a Igreja, seu ministério e o desempenho de sua missão no mundo é a de cuidar, com desvêlo especial, da formação de pastôres e ministros da Palavra de Deus. A Igreja da Reforma deu ênfase especial a êste mister, fundamentando o ministério da pregação no próprio "mandatum Dei", conforme reza o 5.º artigo da Confissão de Augsburgo: Para que alcançássemos tal fé, Deus instituiu o ministério da pregação, deu-nos o evangelho e os sacramentos, meios, pelos quais Ele nos dá o Espírito Santo que faz nascer a fé naqueles que ouvem o Evangelho, onde e quando lhe aprouver.

Se é que se formaram comunidades evangélicas em nosso meio, então porque o evangelho de Jesus Cristo foi pregado e aceito com fé também entre os imigrantes vindos do além-mar e seus descendentes. Em fiel e abnegado serviço, os primeiros pastôres pregaram e ensinaram a Palavra de Deus que, segundo sua promessa, não volta vazia. Em face da "grande seara", porém, fêz sentir-se, sempre de nôvo, na história da nossa Igreja a falta de "trabalhadores", particularmente nos primeiros tempos, quando os poucos pastôres tiveram de atender, em longas viagens a cavalo, numerosas e distantes comunidades do interior. Neste primeiro período, o cuidado pela formação e pelo envio de pastôres foi, por longos anos, deixado a cargo da "Igreja-mãe", especialmente a Igreja Evangélica da Prússia, as Sociedades Missionárias e outras organizações eclesiásticas que enviaram pastôres e professôres ao Brasil, e, mais tarde, até foi fundado um Seminário especial no qual se formaram pastôres para o serviço em nossas comunidades no país.

No decorrer dos anos, porém, surgiu a idéia e amadureceu aos poucos a compreensão da necessidade de a Igreja Evangélica no Brasil formar os seus próprios pastôres e professôres. Data do ano de 1877, antes da fundação do Sínodo Riograndense, portanto, a primeira prova documentária para o plano de um "Seminário de Pregadores" autóctone. Já naquele ano o dr. Wilhelm Rotermund, então pároco da comunidade de São Leopoldo, insistiu que os futuros pastôres fôssem brasileiros e não "importados". Porque sem instituições de formação de pastôres e professôres, assim argumentou, a Igreja do Evangelho não lançará raízes neste país e, em vez de uma fonte viva, ela também, no futuro, assemelhar-se-á a uma cisterna, na qual se encontra tanta água quanto aflui da Igreja do além-mar.

Por motivos de natureza diversa, êste plano, já projetado até os detalhes não encontrou, em nossas comunidades, o eco que me-

recia, nem tampouco na Igreja-mãe, da qual se esperava um apoio eficiente para a realização da obra. Também faltavam os recursos financeiros e outras questões aparentemente de maior urgência afloraram para o primeiro plano. Perdeu-se, desta maneira, tempo precioso; mas a idéia do seminário não se perdeu totalmente de vista.

Quando, em 1886, as comunidades dispersas pelo estado abandonaram sua existência isolada, confederando-se, por iniciativa do Pastor dr. Rotermond, no Sínodo Riograndense, a Igreja Evangélica encontrou uma organização que se veio adaptar ao nosso meio e uma estrutura favorável para poder atender com maior responsabilidade própria as necessidades e as tarefas que se faziam sentir com crescente urgência. Em consequência desta evolução histórica, haveria de ressurgir a questão de como possibilitar aos jovens procedentes das comunidades, com vocação para o ministério, a formação teológica necessária para o desempenho do pastorado.

Efetivamente, em 1888, no 2.^o Concílio Ordinário do Sínodo, em Dois Irmãos, foi ventilada, pela primeira vez publicamente, a idéia da fundação de um seminário para professôres e uma "Escola Superior para a formação de pastôres". E a ata do 3.^o Concílio Sinodal do ano seguinte, realizado em Santa Maria, reza o seguinte: "Temos de providenciar também na formação de ministros evangélicos, para ter nossos próprios pastôres e não se deve prorrogar a questão dos seminários para tempos futuros. O Sínodo que envide esforços no sentido de formar por si seus obreiros."

Tais passagens provam que desde os primórdios do Sínodo Riograndense ponderou-se seriamente sôbre a maneira de levar os jovens provenientes das comunidades da nossa terra que se apresentavam com o intuito de se tornarem pastôres, ao estudo da teologia.

Pelas razões já mencionadas, e ainda por tensões sinodais internas, bem como pela composição heterogênea do quadro dos pastôres e a contínua mudança dêle, a questão do Seminário, contudo, fôra adiada por nada menos que uma geração, quando então a transformação do trabalho eclesiástico, dadas as experiências e a situação especial durante e após a I Guerra Mundial, exigiu uma solução imediata. A formação de pastôres que até então pôde ser adiada, graças à assistência fraternal por parte da Igreja-mãe, tornou-se tarefa urgente para a Igreja. Seus líderes responsáveis, entre êles jovens pastôres nacionais, convenceram-se sempre mais que ela só poderia tornar-se independente e autóctone, se sustentada pela comunhão inteira e pela responsabilidade de tôdas as comunidades e, enfim, por um corpo de pastôres procedentes, na maior parte, dessas comunidades e familiarizados com a realidade da nossa gente e terra.

Os estabelecimentos de ensino secundário existentes no país satisfaziam apenas às exigências para a formação em faculdades seculares e não atendiam a um preparo adequado que possibilitasse ao estudante continuar o estudo em uma Faculdade de Teologia Evangélica no exterior. O caminho ao estudo de teologia haveria de

levar através de um estabelecimento de caráter “pré-teológico”, distinguindo-se em seu currículo o estudo das “Humanidades” (especialmente línguas clássicas), indispensável para o estudo da teologia propriamente dita.

Tais foram os motivos que levaram o Pastor dr. H. Dohms, então pároco de Cachoeira a encaminhar ao Concílio Sinodal de 1919, em Linha Brochier, a proposta da fundação de um Proseminário evangélico. Dois anos depois foi inaugurada, de forma modesta (com apenas um aluno), na casa paroquial a ingente tarefa educacional. O fundador, Pastor Dohms, reuniu em sua pessoa as funções de diretor e corpo docente. Assistido por sua esposa prestou aos estudantes os cuidados espirituais e familiares. Entre outros, receberam a sua formação naquele ambiente de escola e lar evangélico, caracterizado pelo espírito de intenso trabalho, o saudoso Presidente da IECLB e ex-diretor desta Faculdade Pastor dr. Ernesto T. Schlieper e o P. Rudolfo Saenger, antigo Vice-presidente do Sínodo e ex-diretor do Ginásio e Colégio Sinodal. Digna de nota e de reconhecimento é a inteira compreensão manifestada pela pequena comunidade evangélica de Cachoeira, que apoiou, com os recursos ao seu alcance, a importante tarefa de seu jovem e incansável pastor.

Até o ano de 1926 o Proseminário continuou funcionando naquela cidade. Em 1927, a ampliação necessária da obra exigiu que o estabelecimento fôsse transferido para São Leopoldo, onde transitariamente funcionou junto ao Seminário para Professôres, até que, em 1931, pôde abrigar-se em prédio próprio, no Morro do Espelho. O prédio inicial, no decorrer dos anos, tornou-se demasiadamente pequeno, tendo sido ampliado já por duas vezes; em 1962 foi aumentado mais uma vez por um prédio auxiliar.

A finalidade primordial do “Evangelisches Proseminar” (“Humanistisches Gymnasium”) como se chamava então, do Instituto Pré-teológico, posteriormente, seria preparar jovens para o estudo da teologia nas universidades da Alemanha. Ainda que nem todos os alunos que cursaram o “Pro” escolhessem a carreira teológica, as esperanças com as quais êste educandário foi fundado não foram baldadas. Até o ano de 1941 já 17 ex-alunos haviam concluído seus estudos na Alemanha, e outros três o haviam iniciado, mas foram impedidos de voltar ao Brasil pela guerra.

As condições difíceis do trabalho pastoral na época da 2.^a Guerra Mundial tornaram evidente a necessidade urgente de organizar o estudo de teologia no próprio país. Sendo impossível, pelas circunstâncias da guerra, a continuação do estudo na Europa, foi instalado, em 1941, um primeiro curso teológico, anexo ao Instituto Pré-teológico. Quando em 1942, ano de ingresso do Brasil em estado de beligerância, foi interdito o trabalho dos pastôres de nacionalidade alemã na “faixa da fronteira”, a diretoria sinodal, cônica de sua responsabilidade nesta hora crítica da Igreja, resolveu enviar alunos das duas últimas séries do I. P. T., jovens de 18-20 anos, após breve e intensivo preparo, às comunidades abandonadas. Foi certamente um empreendimento arriscado, justificá-

vel pela situação de emergência e, aliás, inesperadamente bem sucedido. Em cursos especiais, ministrados durante as férias em 1942/43 foi promovida a continuação aprofundada do estudo teológico. Foram êsses "substitutos" que, amadurecidos pelas experiências no serviço integral de um pastor de numerosas comunidades e firmados no seu intuito original, foram, na maioria, "convocados" no fim da guerra e formaram a primeira turma e, com isso, a base da Escola de Teologia.

Em 23 de março de 1945, no gabinete do Presidente D. Dohms, na presença de docentes e estudantes bem como de um velho pastor, experimentado no serviço pastoral, o P. em. J. Witzel, numa cerimônia simples foram reiniciados os estudos teológicos. Em sua alocução, proferida naquela ocasião da abertura do curso oficial de teologia, o seu diretor D. H. Dohms, definiu a tarefa dêste empreendimento com as seguintes palavras:

"Inauguramos êste curso sob o nome de uma Escola de Teologia à qual pertencemos, como professôres e estudantes, sem aspirações de maior publicidade. Nosso nome, nosso espaço, nossos meios e nossos recursos científicos são modestos, mas a tarefa que nos foi imposta por Deus, mesmo em suas dádivas, é grande e santa, e a nossa dedicação dará, queira Deus, que a obra a qual em seu nome iniciamos, adquira forma interna e externa e exerça influência sôbre a Igreja e o mundo em que trabalhamos...

Se é que aqui deverá crescer uma Escola de Teologia, então uma cousa é certa: sômente poderá crescer em um tal estudo de teologia que tem por base e fim a fé que, de nenhum modo, se fia em qualquer cousa dêste mundo, mas que se baseia exclusivamente em Deus. Isto porém quer dizer: estudar teologia para nós deve significar aprender a ver Deus e o mundo com os olhos insubornáveis da verdade que soberanamente reina na Bíblia...

Vós, meus amigos, viveis e estudais em uma época que, no decorrer do tempo de uma geração, revelou distintamente as grandes decisões e às quais não podemos mais esquivar-nos. Trata-se de Deus ou mundo, obra baseada na fé em Deus ou ação baseada no mundo. Trata-se de uma Igreja no mundo que supera a fé no mundo e, com isto, vence o mundo pela fé em Cristo". (cit. de "Luther vive").

Estas palavras do fundador e primeiro diretor da Escola de Teologia são características para o espírito que orientou esta obra desde o seu princípio modesto, quando faltava não apenas uma tradição ou um modelo que poderia servir de diretriz, mas também os recursos mais elementares para o estudo. Faltava a necessária literatura teológica e a pequena biblioteca era insuficiente e consistia em grande parte de livros antiquados. E também os professôres que não dispunham de conhecimentos especializados da disciplina que lecionavam, tiveram que elaborar suas preleções e seminários com auxílio dos poucos livros e recordações do seu tempo de estudo. Outrossim, todos receberam essa incumbência além de sua ocupação e trabalho normal. Até 1953 a Escola de Teologia não teve professor catedrático nem funcionário de tempo integral.

Mas não havia dúvida que a futura Faculdade de Teologia devia ser realmente um lugar de estudo teológico aprofundado e de pesquisa científica.

No primeiro ano também se fez sentir a falta de uma casa própria e de moradias para os estudantes, os quais se instalaram provisoriamente nas "catacumbas", na parte térrea da casa do Presidente e da casa sinodal. No verão de 1945/46, porém, foi finalmente construído, no pomar do I. P. T., um simples chalé que hoje é a moradia de um professor. Nesta casa realizou-se, a 31 de março de 1946, a abertura oficial da Escola de Teologia e com ela um ideal há muito aspirado.

Com um grupo de 15 estudantes que antes trabalharam como "substitutos" foram iniciadas as preleções e seminários sobre as diversas disciplinas da teologia, a cargo dos seguintes docentes: P. H. Hoehn (A. T.), P. E. Schlieper, P. B. Weber e, temporariamente, dr. G. Hahn e P. K. Gottschald (N. T.), dr. E. Fuelling (H. E.), dr. H. Dohms (T. Sist.), P. K. Warnke (Homil.), P. L. Strothmann (Litúrgica), dr. E. Fausel (Lit. e Hist.), Prof. M. Maschler (Met. e Canto), P. R. Saenger (Português) e outros. Além de hóspedes da ecumene, que visitaram a nossa Igreja, diversos convidados especiais deram conferências, em todos os semestres, sobre temas de interesse para os futuros pastores. Sob a orientação do dr. E. Fuelling, que se dedicou de modo pessoal aos estudantes, foram realizadas noites de discussão sobre temas atuais e problemas candentes.

Apesar da "dispersão" dos estudantes por lhes faltar um lar comum, foi cultivada a "vita comunis" por cultos e devoções regulares, bem como por comemorações e reuniões alegres e um convívio em espírito fraterno. Não faltaram também os contactos com outras instituições e com as comunidades da redondeza, nas quais os estudantes freqüentemente oficiaram cultos aos domingos.

Em 1948 as aulas foram transferidas para a sala de sessões na casa sinodal, mas, com isso, ainda não foi resolvida a questão da moradia comum dos estudantes, cujo número crescera até 30 no ano de 1955. Tornara-se impreterível a construção de um lar dos estudantes, com auditórios, biblioteca e sala para as devoções. Esta obra foi concluída em 1956; e, em 1959, sendo diretor o P. H. H. Friedrich, inaugurou-se o prédio principal, o que foi possível graças à compreensão e às contribuições de inúmeros membros que se organizaram na "Legião dos construtores da Escola de Teologia".

Mas com isto já ultrapassamos a primeira etapa da história da nossa Faculdade, que nos propomos narrar. Esta história somente pode ser avaliada dentro do contexto da Igreja toda que assumiu a responsabilidade por esta obra; e a Igreja somos todos nós. A história nos deve servir para compreender e aprender, mas ela nunca nos deve prender. A comemoração de 25 anos de existência da nossa Faculdade só pode ter o sentido de chamar-nos hoje à fé e confiança no Senhor que abençoou esta obra e que quer que sejamos os seus servos, pela palavra e a ação, na realidade atual na qual vivemos.